

PECUÁRIA DE **CORTE**

O ESPAÇO DO AGRONEGÓCIO

ANO XI
Nº 95

FEVEREIRO
2000

**MS MOSTRA O QUE TEM E LUTA
PARA VENCER SUAS BARREIRAS**



IMPRESSO ... ENVOLPIMENTO ALTO ...

Falta Capital Social Nos Estoques Nacionais

Entrevista: Fernando Curi Peres, PhD, professor titular do Departamento de Economia Rural da Escola superior de Agricultura Luis de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), analisa a atualidade econômica e seus impasses, em entrevista exclusiva ao nosso colaborador, João Carlos de Campos Pimentel, extensionista da CATI – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Qual significado tem para o agricultor o fato de estar trabalhando em um mercado de concorrência perfeita?

FCP — De fato, isso é uma fatalidade. Se você procurar entre as grandes empresas mundiais, vai ver que nenhuma delas, mesmo em sua busca da diversificação, quer produzir produtos agrícolas. A razão é muito simples. É que a lucratividade do produto agrícola, pelo fato de trabalhar em condições de mercado próximas à concorrência perfeita, tende a zero. O que significa isso? Um mercado de concorrência perfeita significa grande número de produtores, nenhum dos quais têm condição de determinar preço. O maior produtor do mundo de boi, soja, não consegue afetar nem um centavo do preço, seja segurando o produto ou aumentando sua oferta do seu produto. Esta grande pulverização da produção em milhões de produtores faz com que a rentabilidade tenda a zero.

Estudantes de administração estudam durante quatro anos aprendendo a tentar escapar da condição de competição perfeita. De um modo meio fajuto porque eles nunca endereçam realmente seus objetivos efetivos. Mas é isto o que toda empresa tende a fazer. Os agricultores intuitivamente sabem disso. Todo agricultor gostaria de ter um rebanho diferenciado, uma marca. A diferenciação do seu produto é uma das possibilidades de você fugir dessa condição de competição, de lucro baixo. Só que isso é muito difícil de conseguir. Não é a toa que o grosso da agricultura trabalha com *commodities*. *Commodity*, por definição, é um produto padronizado, não diferenciado. Quer dizer, se você produz milho, teu milho é de um tipo tal e acabou. Você pode jurar que ele é mais gostoso, ou que ele tem a qualidade que for, que não faz diferença nenhuma para o mercado. O preço é o mesmo de todo mundo. O que o agricultor pode fazer aí realmente pouco. Embora,

como em toda atividade, existam aqueles caras mais “vivos”, empresarialmente mais capazes, que conseguem identificar certos nichos de mercado e que rompem esse determinismo da baixa lucratividade. Mas se você conseguir um mercado onde você é o único fornecedor você se tornará capaz de negociar preço. Por exemplo, se você é o único fornecedor de leite “kosher” numa determinada comunidade judia. Se eles acreditam que você produz de acordo com todas as normas exigidas, e eles são extremamente exigentes, eles estarão dispostos a pagar um preço adicional (desde que você continue tendo a confiança deles de que seu produto realmente é diferenciado). Aí você produz um produto diferenciado e conseqüentemente vai ter um benefício equivalente. Outro exemplo são os produtos orgânicos. Se você convence os consumidores que seu produto é produzido sem fertilizante e produtos químicos e se esses consumidores estão dispostos a pagar um preço maior por isso, você conseguirá rendas maiores num nicho de mercado. Tudo isso implica nessa diferenciação que deve ser mantida, na base de confiança, na base de alguma forma de transmissão dessa informação: as pessoas sabem que você produz de uma determinada maneira. É uma espécie de marca.

Como funciona a adoção da tecnologia em termos econômicos?

FPC — Isso foi primeiro entendido e explicado muito bem pelo Ruy Miller Paiva, praticamente o fundador da Economia Rural no Brasil. Ele morreu recentemente, aliás, e precisamos homenageá-lo muito pelo tanto que fez pela produção rural no Brasil. O que acontece se, numa situação de relativo equilíbrio na produção de um determinado produto, surge uma tecnologia nova? Uma tecnologia nova é uma tecnologia que de alguma maneira permite a produção da mesma quantidade de produto por um custo mais baixo ou de uma quantidade maior pelo custo atual. Quer dizer, por unidade de produto a tecnologia nova produz mais barato. Alguns agricultores mais inovadores, mais eficientes do ponto de vista empresarial, vêm essa possibilidade da tecnologia, a adotam e conseguem produzir por um custo mais baixo (com o objetivo de obter maior lucro já que o mercado está em equilíbrio). Ora,

“Uma tecnologia nova é uma tecnologia que de alguma maneira permite a produção da mesma quantidade de produto por um custo mais baixo ou de uma quantidade maior pelo custo atual.”

produzindo por um custo mais baixo, de alguma maneira, ele aumenta a disponibilidade do produto no mercado e os preços do produto caem. Isto é, os benefícios, ou a maioria deles, são repassados para os consumidores. Isto é uma das coisas importantes em mercados competitivos: o grande beneficiário do mercado competitivo é o consumidor, enquanto que no mercado não competitivo o grande beneficiário é a empresa. Os consumidores ganham o benefício de poderem pagar menos pelo produto e aquelas empresas que inovaram, no início, têm lucro. O problema é que, como os preços daquele mercado caem rapidamente, agora os outros produtores necessariamente têm que inovar. Eles têm que correr atrás e também inovar, agora não mais para ter lucro mas apenas para se manterem no negócio. E quem não for capaz de inovar está fora. Há uma perda de produtores crônica, que simplesmente não tem saída. A menos que você tivesse uma expansão autônoma de mercado internacional, ou seja, que a Índia ou a China entrassem comprando mais produtos nossos, a tendência é realmente o pessoal sair do campo. Em resumo, isso acontece porque com novas tecnologias você vai conseguir produzir por custos mais baixos quantidades maiores de produtos. E isso é também uma fatalidade do sistema. Não adianta tentar inventar muita coisa nisso não.

Com essa saída crônica ocorre uma concentração da produção e um menor número de produtores satisfaz a demanda do mercado. Este fato implica em um aumento de escala de produção e, por suposto, maiores lucros para os que ficam. Por que então não entram nesse mercado investimentos de outras áreas do sistema em busca desse lucro aumentado?

FCP — Se eu entendi bem, você quer saber por que algumas empresas privilegiadas conseguem extrair um lucro maior da sociedade e por que outras empresas não entram no mercado dessas empresas privilegiadas com o objetivo de obter parte desse lucro. Primeiro temos que considerar a existência de fato de economia de escala. O que é economia de escala? Economia de escala significa

que, se você produz em quantidades maiores, você consegue produzir com custos menores. Se existe escala numa atividade, a tendência é realmente cair o número de empresas e você ter um número menor de produtores. Existe uma certa economia de escala na produção de cana. À medida que você produz em áreas maiores, você pode usar adubação líquida, você pode usar sub-soladores maiores, tratores de esteira que compactam menos o solo e consegue produzir um pouco mais barato. Mas isto é muito discutível em outras áreas de agricultura. Por exemplo, na agroindústria de fumo decididamente não existe economia de escala. Se alguém tentar administrar a produção de 100 ou de 1000 hectares de fumo, ele provavelmente vai à falência. A estrutura organizacional necessária para administrar uma empresa de 1000 hectares de fumo é tão complexa que os custos aumentariam muito, de maneira que é muito melhor ter pequenos produtores. Nessa atividade dizemos que há deseconomias de escala.

Mas as pessoas descobriram que é muito mais eficiente criar artificialmente economia de escala forçando uma vantagem monopolística ou de competição imperfeita, para determinadas empresas. Uma delas é através da chamada regulamentação de mercado. O que é isso? Você em geral envolve organismos governamentais e cria leis, decretos, portarias etc que impedem a entrada de competidores no mercado em que você atua. E aí aqueles privilegiados que conseguem estar ou se manter no mercado auferem ganhos às custas da sociedade. Em geral essas leis e normas vêm sempre travestidas de ajuda ao consumidor. A hora em que se começa a falar de maior fiscalização, de normas de higiene, de normas de apresentação do produto etc etc, você está claramente

“O que é economia de escala? Economia de escala significa que, se você produz em quantidades maiores, você consegue produzir com custos menores.”

tentando ganhar a simpatia dos consumidores para uma regulamentação que acabará impedindo a entrada de um número maior de produtores. Essa é claramente a tentativa da indústria do frio no Brasil com essa regulamentação que eles conseguiram inclusive passar em lei. Só que não pega e não pega por força do mercado mesmo. Os consumidores não querem que pegue. E não querem que pegue porque eles vão pagar muito mais caro se pegar. O que a indústria do frio está fazendo? Ela conseguiu um conjunto de regulamentos que, se obedecidos, reduziria dramaticamente o número de frigoríficos. Pouquíssimos frigoríficos no Brasil poderiam existir. Conseqüentemente você daria para o pequeno número de frigoríficos restante um grande poder de mercado: só eles poderiam comprar gado e vender carne. Eles imporiam preços e, ganhando do lado do pecuarista e do lado do consumidor, teriam belíssimos lucros. É muito razoável que a indústria queira fazer toda essa mobilização, esse *lobby*, para conseguir isso. Mas o que aconteceria se essa lei pegasse? Você teria que fechar o grosso desses milhares de pequenos abatedores, que estão matando, com mais ou menos higiene, mas que estão desempenhando o papel de introduzir uma alta competição nesse mercado. E é por isso que essa indústria é uma das poucas que são competitivas, você tem baixas taxas de ganho, você tem muita falência em frigoríficos. Agora, é lógico, se eu fosse o dono de um frigorífico eu ia querer essa regulamentação de forma tal que apenas eu pudesse continuar no mercado. Como eu disse, uma regulamentação travestida daqueles atrativos para o consumidor. Eu diria: “Nós vamos dar um produto com uma melhor higiene, com uma classificação melhor, embalados à vácuo, etc etc”. Você ia vender toda essa ilusão de produtos melhores. O que não é verdade no sentido de que você acabaria tirando do mercado um punhado de consumidores que atualmente só conseguem comprar porque o produto, embora não tendo aquelas condições ideais, tem condições suficientemente boas para ser consumido. Tanto que o consumidor

não está morrendo. Não existe nenhuma evidência no Brasil de que consumir carne de abatedores municipais faz mal à saúde. Ao contrário, faz bem porque a população está tendo acesso aos nutrientes protéicos da carne. Agora feche os abatedores e os pequenos frigoríficos, deixe uma meia dúzia de frigoríficos botar o preço da carne lá em cima, que é o que vão acabar fazendo, que eles vão eliminar do mercado todos os consumidores de baixa renda que atualmente conseguem comprar carne desde que ela esteja suficientemente barata.

Então teria que haver uma união dos pecuaristas e dos consumidores em defesa da concorrência. E o CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica, organismo federal cujo dever institucional é defender a competição nos mercados) teria que ter uma maior atuação...

FCP — Claro, claro. O problema sério com o CADE é... Milton Friedman, da escola de Chicago, Prêmio Nobel de Economia, escreveu um artigo fundamental sobre isso, chamado de "Barking cats", na revista *Newsweek*. Nesse artigo ele dizia que sua filha adorava gatos e queria ter um deles. Ele disse que ela podia ter um gato desde que ela achasse um gato que latisse e que, latindo, ajudasse a espantar os ladrões. Mas, diz Friedman, infelizmente não há gatos que latem. Isso não é da natureza dos gatos. E essa semelhança ele fez com a regulamentação de mercado. Quando você cria uma agência do estilo do CADE para proteger o consumidor, a probabilidade maior é que ela acabe protegendo a indústria. Porque você concentra nesse punhado de pessoas um poder muito grande e fica muito fácil para a indústria saber onde tem que trabalhar para conseguir alianças, através de *lobbies* etc, com esses tipos de pessoas. O exemplo que ele dava, muito ilustrativo, foi o das companhias aéreas americanas. Elas, até a época do presidente Reagan, eram regulamentadas por um conjunto de leis geridas por uma agência federal destinada a proteger o consumidor. A Califórnia era o único estado americano suficientemente grande para ter linhas aéreas

internas; e portanto não regulamentadas pela agência federal. Bom, não preciso dizer nada do resultado final disso. O que acontecia era que o custo de passageiro por km dentro do estado da Califórnia era metade do preço das linhas interestaduais. Onde existia uma agência que devia proteger o consumidor, o custo da passagem era pelo menos o dobro. O que o Reagan fez? Acabou com isso tudo: o preço da passagem caiu pela metade e uma boa parte das companhias faliram ou tiveram que se reestruturar. Hoje elas são altamente competitivas e com isso aumentou tremendamente o número de passageiros que voam nos Estados Unidos em vez de viajar de carro, trem, ônibus etc em viagens longas, com todos os problemas que isso representa. Porque agora está muito mais barato o transporte aéreo. No Brasil tínhamos um problema semelhante com postos de gasolina. O serviço era ruim, o preço de gasolina era tabelado, você tinha um atendimento ruim. Isso porque tínhamos uma agência que regulamentava os postos. Ela não permitia a abertura de novos postos e, portanto, não permitia a competição. Ela "velava" para que os postos mantivessem certos níveis de atendimento. Existia um certo ágio para ser dono de posto de gasolina, você tinha que comprar esse direito de alguém. Hoje se acabou com isso e qualquer um pode abrir um posto. E o que aconteceu? Hoje você paga com cheque pré-datado, com cartão de crédito, tem disputa no preço e um serviço muito melhor. Você chega para botar gasolina e o cara oferece para botar ar no seu pneu, lavar o pára-brisas, te dá prazo etc. A população ganhou muito com isso. Quem perdeu foram aqueles que tinham o privilégio de ter uma agência regulamentando o setor e "protegendo" o consumidor entre aspas. Essas agências são muito fáceis de serem cooptadas pelas empresas que deveriam regulamentar de forma a proteger os consumidores.

"A regra geral é que a proteção sempre traz um custo para a sociedade que é muito maior do que os benefícios que algum subgrupo acaba tendo."

Mesmo países do porte econômico do Brasil, como a China e a Índia, têm políticas nacionais. Na sua opinião, o Brasil tem uma política nacional e se têm, qual é? E existiria uma política agrícola brasileira dentro dessa política nacional?

FCP — Claramente que há. E existiu toda vida. Quando alguns representantes de classes ligados ao setor insistem que nós não temos uma política agrícola eles estão usando uma força de expressão, uma bandeira política, para dizer que nós não temos certas proteções que alguns outros países têm. É a mesma coisa na política industrial. Quando o pessoal começa a pedir uma política, em geral ele está pedindo proteção. E proteção é o que conta no bolso do empresário. Empresário quer proteção contra competição, via regulamentação, barreira alfandegária etc. Isso impede a competição e nós voltamos ao nosso início de que é competição que, ao diminuir o lucro, diminui os preços para os consumidores. Nenhum empresário quer diminuir seu lucro; na verdade empresário quer ser protegido de algum jeito. O que não é bom para a sociedade, evidentemente. À medida que você protege o empresário a sociedade paga um preço mais alto. Lógico, aparecem os desvios, como aquele que diz que você também não gera emprego. Toda aquela conversa fiada. Você gera emprego sim quando há desenvolvimento nos setores onde a economia da nação tem certas vantagens. Evidente que se o Brasil proteger sua indústria de computação, como nós fizemos na marra, você chega até a criar uma indústria nacional. Mas é uma indústria incapaz de competir em termos de preços e de tecnologia com o mercado internacional. E o resultado final é que nós atrasamos tremendamente, décadas, a absorção dessa tecnologia fundamental para o país. Tudo isso para manter um grupo de privilegiados que tiveram empregos ou foram donos de algumas empresas. Essa pessoas auferiram grandes benefícios às custas do atraso geral da nação durante esse período. A regra geral é que a proteção sempre traz um custo para a sociedade

que é muito maior do que os benefícios que algum subgrupo acaba tendo. Você tem que procurar onde está a vantagem e a desvantagem para a população como um todo versus o subgrupo.

Aqui há um ponto fundamental. Quando você dá benefícios para um determinado grupo, seja ele de industriais, agricultores, agroindustriais nacionais, esse segmento se desenvolve, cresce e acaba ficando com um determinado número de empresários e trabalhadores. Esse pessoal obviamente tem um interesse muito forte na regulamentação. Por exemplo, se você tira de repente a proteção à nossa indústria de fertilizantes um bocado de gente vai perder seus empregos e alguns industriais vão perder seus lucros. Ora, isso significa toda a vida dessas pessoas. Então a força que eles têm para defender essa proteção é muito grande: eles podem perder suas empresas e empregos. Agora vejamos isso do ponto de vista do consumidor dos produtos agrícolas. Caso o mercado seja aberto para a competição com indústrias internacionais de fertilizantes, o agricultor brasileiro pagará os preços internacionais dos fertilizantes e que são menores. Portanto irá haver uma redução no preço do produto agrícola que o consumidor vai consumir. Só que será uma redução muito pequena. Digamos que diminua 10 centavos por kg de feijão. Isto é, quando você tira a proteção da indústria toda a sociedade ganha; mas cada pessoa ganha só um pouquinho. E nenhum consumidor vai brigar por 10 centavos. Agora, quem perde o emprego ou a empresa vai entrar feio na briga. Isto é, com um poder de *lobby* e organização muito maior que o da sociedade. Portanto, a força política contra você tirar a proteção governamental de algum ramo da indústria ou da agroindústria é muito grande. Isto é, a sociedade não manifesta sua vontade como manifestam os grupos que vão perder a proteção. A sociedade não pressiona os políticos como os grupos que estão em vias de perder a proteção o fazem. Então essa é a razão de ser politicamente muito difícil você fazer um trabalho do interesse da população. A tendência é que os políticos acabem

respondendo a quem chia mais, a quem mobiliza mais, a quem grita mais.

Portanto, é um fator fundamental em democracia o fato de que você precisa realmente ter estadistas nos postos políticos importantes da nação. Um estadista é um indivíduo capaz de ver o interesse da sociedade *versus* o interesse de pequenos grupos dentro dela. A nossa sociedade é altamente corporativa. O problema na nossa sociedade não é a ausência de políticas mas a ausência de estadistas. É a ausência de pessoas capazes de responder ao interesse da população e dizer **não** ao interesse dos sub-grupos especiais, sejam eles os empregados ou os donos dessa determinada indústria. Isso é o que me parece uma deficiência muito grande e que nós precisamos desenvolver no nosso país.

Como explicar e desenvolver isso?

FCP — O desenvolvimento disso é muito complexo e apareceu muito recentemente na literatura. Isso tem um nome: se chama *capital social*. Até recentemente, na década de 80, considerávamos apenas quatro tipos de capital importantes para o desenvolvimento de uma sociedade. O capital natural, os bens físicos naturais, o solo, o subsolo, os rios, as florestas, o clima etc. O segundo é o capital físico, as construções, as máquinas, a tecnologia embutida etc. O terceiro é o capital financeiro, que são as poupanças que as pessoas fazem e que ela eventualmente importa de outros países. O capital financeiro caracteristicamente tem altíssima mobilidade. O quarto, o capital humano, já há algum tempo é considerado muito importante e a ele tradicionalmente não se dá muita importância no Brasil. Apenas esses quatro tipos de capital era considerados os estoques que a sociedade precisaria trabalhar para produzir

"O desenvolvimento disso é muito complexo e apareceu muito recentemente na literatura. Isso tem um nome: se chama capital social."

desenvolvimento econômico e social.

Hoje considera-se que há um quinto tipo de estoque de capital que é tão ou mais importante do que qualquer um desses: é o capital social. É uma medida do grau de **confiança** que existe nas relações entre as pessoas e nas relações dos diversos setores da sociedade. Eu enfatizei confiança porque ela é a base de tudo isso. Em última instância, capital social é o tecido que faz a estrutura da sociedade. E agora, com esse conceito, está muito mais fácil para os economistas mostrarem, por exemplo, porque falhou a sociedade russa. Uma sociedade que tem recursos naturais em abundância, que tinha uma relativa base de capital físico e de tecnologia, que tinha capital humano bem desenvolvido e que precisava aparentemente apenas capital financeiro, poupança do resto do mundo, para poder se desenvolver. Todo mundo esperava que a sociedade russa, com essa disponibilidade desses quatro capitais iria poder se desenvolver. Ela não tinha capital financeiro, mais isso podia ser levado do exterior. Ela não tinha tecnologia de algumas áreas mas isso podia ser levado exterior também. Ela tinha tudo para um tremendo crescimento. Esperava-se isso mas de repente ela entrou numa rota totalmente contrária. Porque isso? Por falta de capital social. Você não tem confiança entre as pessoas, elas não têm capacidade de se unirem para enfrentarem os problemas que cada comunidade pode ter. Eles não têm a capacidade de, **em conjunto**, equacionarem e solucionarem seus problemas. Eles não tem a confiança para fazer isso. Porque? Eles foram treinados por, pelo menos setenta anos, para em vez de desenvolver valores cívicos, desenvolver clientelismo. Foram, de fato, muito mais anos que isso, porque a Rússia sempre foi um país pobre e altamente hierarquizado. Você tem um total clientelismo na sociedade. O clientelismo era todo do Estado, quem tinha o partido fazia o clientelismo. Você tinha que estar nas graças da hierarquia do partido até recentemente. Agora que o partido não tem mais esse papel as máfias o estão substituindo. Ou qualquer um que possa assumir o poder de criar essas estruturas clientelísticas. A ausência desse

que é muito maior do que os benefícios que algum subgrupo acaba tendo. Você tem que procurar onde está a vantagem e a desvantagem para a população como um todo versus o subgrupo.

Aqui há um ponto fundamental. Quando você dá benefícios para um determinado grupo, seja ele de industriais, agricultores, agroindustriais nacionais, esse segmento se desenvolve, cresce e acaba ficando com um determinado número de empresários e trabalhadores. Esse pessoal obviamente tem um interesse muito forte na regulamentação. Por exemplo, se você tira de repente a proteção à nossa indústria de fertilizantes um bocado de gente vai perder seus empregos e alguns industriais vão perder seus lucros. Ora, isso significa toda a vida dessas pessoas. Então a força que eles têm para defender essa proteção é muito grande: eles podem perder suas empresas e empregos. Agora vejamos isso do ponto de vista do consumidor dos produtos agrícolas. Caso o mercado seja aberto para a competição com indústrias internacionais de fertilizantes, o agricultor brasileiro pagará os preços internacionais dos fertilizantes e que são menores. Portanto irá haver uma redução no preço do produto agrícola que o consumidor vai consumir. Só que será uma redução muito pequena. Digamos que diminua 10 centavos por kg de feijão. Isto é, quando você tira a proteção da indústria toda a sociedade ganha; mas cada pessoa ganha só um pouquinho. E nenhum consumidor vai brigar por 10 centavos. Agora, quem perde o emprego ou a empresa vai entrar feio na briga. Isto é, com um poder de *lobby* e organização muito maior que o da sociedade. Portanto, a força política contra você tirar a proteção governamental de algum ramo da indústria ou da agroindústria é muito grande. Isto é, a sociedade não manifesta sua vontade como manifestam os grupos que vão perder a proteção. A sociedade não pressiona os políticos como os grupos que estão em vias de perder a proteção o fazem. Então essa é a razão de ser politicamente muito difícil você fazer um trabalho do interesse da população. A tendência é que os políticos acabem

respondendo a quem chia mais, a quem mobiliza mais, a quem grita mais.

Portanto, é um fator fundamental em democracia o fato de que você precisa realmente ter estadistas nos postos políticos importantes da nação. Um estadista é um indivíduo capaz de ver o interesse da sociedade *versus* o interesse de pequenos grupos dentro dela. A nossa sociedade é altamente corporativa. O problema na nossa sociedade não é a ausência de políticas mas a ausência de estadistas. É a ausência de pessoas capazes de responder ao interesse da população e dizer **não** ao interesse dos sub-grupos especiais, sejam eles os empregados ou os donos dessa determinada indústria. Isso é o que me parece uma deficiência muito grande e que nós precisamos desenvolver no nosso país.

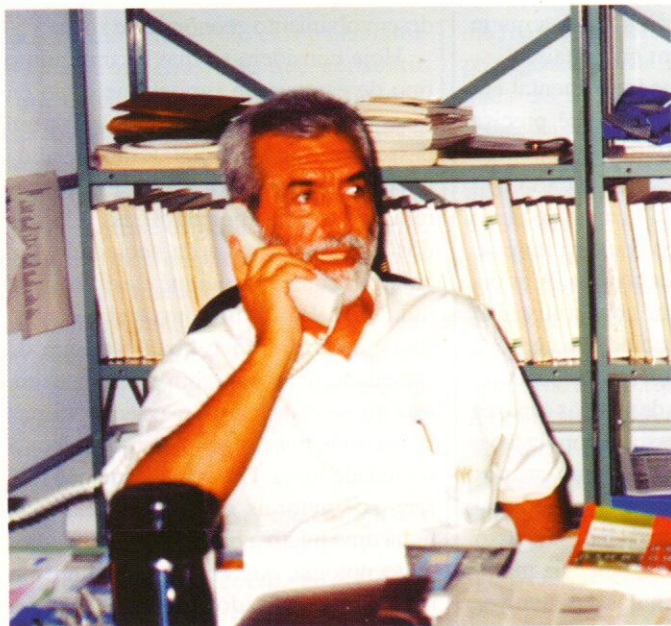
Como explicar e desenvolver isso?

FCP — O desenvolvimento disso é muito complexo e apareceu muito recentemente na literatura. Isso tem um nome: se chama *capital social*. Até recentemente, na década de 80, considerávamos apenas quatro tipos de capital importantes para o desenvolvimento de uma sociedade. O capital natural, os bens físicos naturais, o solo, o subsolo, os rios, as florestas, o clima etc. O segundo é o capital físico, as construções, as máquinas, a tecnologia embutida etc. O terceiro é o capital financeiro, que são as poupanças que as pessoas fazem e que ela eventualmente importa de outros países. O capital financeiro caracteristicamente tem altíssima mobilidade. O quarto, o capital humano, já há algum tempo é considerado muito importante e a ele tradicionalmente não se dá muita importância no Brasil. Apenas esses quatro tipos de capital era considerados os estoques que a sociedade precisaria trabalhar para produzir

“O desenvolvimento disso é muito complexo e apareceu muito recentemente na literatura. Isso tem um nome: se chama capital social.”

desenvolvimento econômico e social.

Hoje considera-se que há um quinto tipo de estoque de capital que é tão ou mais importante do que qualquer um desses: é o capital social. É uma medida do grau de **confiança** que existe nas relações entre as pessoas e nas relações dos diversos setores da sociedade. Eu enfatizei confiança porque ela é a base de tudo isso. Em última instância, capital social é o tecido que faz a estrutura da sociedade. E agora, com esse conceito, está muito mais fácil para os economistas mostrarem, por exemplo, porque falhou a sociedade russa. Uma sociedade que tem recursos naturais em abundância, que tinha uma relativa base de capital físico e de tecnologia, que tinha capital humano bem desenvolvido e que precisava aparentemente apenas capital financeiro, poupança do resto do mundo, para poder se desenvolver. Todo mundo esperava que a sociedade russa, com essa disponibilidade desses quatro capitais iria poder se desenvolver. Ela não tinha capital financeiro, mais isso podia ser levado do exterior. Ela não tinha tecnologia de algumas áreas mas isso podia ser levado exterior também. Ela tinha tudo para um tremendo crescimento. Esperava-se isso mas de repente ela entrou numa rota totalmente contrária. Porque isso? Por falta de capital social. Você não tem confiança entre as pessoas, elas não têm capacidade de se unirem para enfrentarem os problemas que cada comunidade pode ter. Eles não têm a capacidade de, **em conjunto**, equacionarem e solucionarem seus problemas. Eles não tem a confiança para fazer isso. Porque? Eles foram treinados por, pelo menos setenta anos, para em vez de desenvolver valores cívicos, desenvolver clientelismo. Foram, de fato, muito mais anos que isso, porque a Rússia sempre foi um país pobre e altamente hierarquizado. Você tem um total clientelismo na sociedade. O clientelismo era todo do Estado, quem tinha o partido fazia o clientelismo. Você tinha que estar nas graças da hierarquia do partido até recentemente. Agora que o partido não tem mais esse papel as máfias o estão substituindo. Ou qualquer um que possa assumir o poder de criar essas estruturas clientelísticas. A ausência desse



Fernando Curi Peres, professor de Economia Rural da Escola Superior de Agricultura Luis Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP)



Estagiário roçando manualmente piquete de capim elefante, do Departamento de Zootecnia, na ESALQ

capital social mostra a razão dessas economias estarem em uma rota exatamente inversa do que se esperava.

Como se desenvolve o capital social num país da Europa ou mesmo nos Estados Unidos, por exemplo?

FCP — O trabalho seminal, um clássico, dessa área, é o de Robert D. Putnam, professor de Harvard, **Making Democracy Work**. Ele vai ganhar um Prêmio Nobel, logo logo, por sua obra. O trabalho que deu origem a esse desenvolvimento foi uma análise que ele fez da Itália. Ele pegou a Itália do norte e comparou com a Itália do sul. Ele quis saber o porquê de, partindo de uma base relativamente comum no fim do século passado, as regiões do norte da Itália terem se desenvolvido economicamente e as do sul terem ficado estagnadas. Apenas as variáveis econômicas tradicionais (capital natural, físico, humano e financeiro), não conseguiram explicar essa diferença. O professor Putnam mostra que a capacidade da sociedade do norte teve em se organizar e criar instituições fundamentalmente baseadas em **confiança** é uma variável que explica muito bem essa diferença. Agora isto está sendo muito bem

estudado no mundo inteiro. Na explicação dele, do capital social que o norte tem e o sul não tem, entram elementos desde o século XI. Ele buscou no século XI a origem disso! Digamos que você agora quer saber porque certas áreas de pobreza se mantêm na região americana dos Apalaches enquanto que outras estão se desenvolvendo. Daí você vai estudar e descobre que nessa região falta exatamente capital social! Falta essa confiança mútua, falta essa capacidade de atuação em grupo. Ele desce a minúcias assim: na Itália do norte você tem muito mais clubes de futebol, mais corais, mais clubes de leitura, mais Rotary Clubs, mais Lyons Clubs, muito mais organizações sociais do que no sul. No sul o povo fica esperando o governo fazer. No norte, o povo vai e faz.

"Quando você dá para determinados indivíduos poderes de distribuir benefícios ele vai tentar fazer isso de forma clientelista."

Muitos negócios podem se iniciar em uma reunião do Rotary, do Lions, no ensaio do coral, em um clube de xadrez ou de leitura... Que beleza você poder vender o gado e confiar que vai receber... Se há uma estrutura de confiança que dê base para os negócios, as pessoas vão poder e querer investir muito mais, não é?

FCP — Mas não é só nos negócios. Imagine quantas formas de se fazer crescer a sociedade. É por isso que se chama capital social: é porque ele é reprodutivo. Esse tipo de capital é muito ausente em sociedades muito hierarquizadas, do tipo clientelista. Um grande criador de clientelismo é o Estado. Quando você dá para determinados indivíduos poderes de distribuir benefícios ele vai tentar fazer isso de forma clientelista. Ele faz essa distribuição numa forma não impessoal, de acordo com regras, mas sim de uma forma clientelista em que ele vai querer ganhar de algum jeito uma retribuição, por exemplo, o voto chamado clientelista. Que hoje não tem mais a ver com o dono da terra mas sim com o funcionário público que distribui a cesta básica, que distribui o crédito no Banco do Brasil, no Banco do Nordeste etc. Esse cara faz

um clientelismo hoje via Estado. Onde você tem esse clientelismo é onde existe mais dificuldade de criar esse capital social. Se você olhar para o Brasil, o cooperativismo se desenvolveu muito melhor no sul que no norte do país porque claramente você tem muito mais capital social no sul. Como você tinha mencionado antes, por causa de razões culturais do tipo de migração que você teve. Esse tipo de capital pôde permitir muito mais o crescimento da economia aqui no sul que no norte. Mas acho que nós desenvolvemos no Brasil uma cultura altamente clientelista e corporativista que impede ou dificulta muito o desenvolvimento desse capital social. E nós inevitavelmente vamos ter que trabalhar nisso. Uma das coisas, para mim, que atrasa muito o desenvolvimento desse capital é essa visão de obrigatoriedade do Estado prover tudo. Há pouco tempo atrás havia uma faixa nos ônibus que dizia que transporte é um dever do Estado. Nós estamos dizendo que as pessoas tem direito a tudo e o Estado é obrigado a tudo. O resultado é que as pessoas vão ficar esperando as coisas e dando oportunidade aos políticos clientelistas de crescerem nisso. Os prefeitos que doam cestas básicas em troca de votos estão desenvolvendo cada dia mais esse clientelismo. Essa atitude da maioria das pessoas de nossa sociedade vai ter de ser trabalhada. Vai ser muito difícil porque esse tipo de capital é muito custoso. A possibilidade de transferência é muito difícil a menos que você tenha grandes migrações.

E a possibilidade da educação formal ajudar a construir o capital social?

FCP — Em geral considera-se a educação formal como um elemento importante de formação do capital humano. O sul da e o norte da Itália têm a mesma situação educacional, o mesmo currículo, o número de horas de aula, etc. Agora esse valor da sociedade, essa crença, essa capacidade das pessoas trabalharem juntos é muito maior no norte do que no sul da Itália. No norte da Itália, a comunidade resolve os seus problemas. Enquanto isso, no sul, em vez dos grupos resolverem seus problemas, as pessoas ficam esperando o Estado fazer. Eles fazem o que o povo brasileiro está se acostumando cada vez

mais a fazer: chiar e dizer que o Estado não faz. Em vez de ir lá e fazer, reclamam, chiam. Há uns dois anos atrás uma reportagem da tevê Globo mostrava, no norte do Brasil, escolas sem carteiras e as crianças sentadas no chão. O jornal denunciava as autoridades, o que é uma verdade, pois isso é um absurdo. Mas nessa região a madeira é de graça e há centenas de pais com tempo disponível; se eles se organizassem, com pouquíssimas horas de trabalho, eles mesmos podiam fazer os bancos. No entanto eles e as professoras deixaram as crianças durante três anos sentadas no chão esperando que o governo trouxesse as cadeiras. As professoras e os pais preferiram a postura clientelista de dizer: "Ah, esses políticos não prestam e não nos trazem as cadeiras...". Esperaram até a rede Globo ir lá e mostrar o problema ou um político oportunista ir lá e entregar as cadeiras em troca de votos. Robert Putnam forneceu evidências empíricas de que as variáveis econômicas tradicionais não explicam as diferenças atuais de desenvolvimento econômico entre as comunidades. Mas se forem colocadas aí as variáveis cívicas do capital social, resultados da complexa organização comunitária, você explica essas diferenças. De fato, com isso, com esse conceito estamos ampliando nossa visão do mundo de uma maneira extremamente oportuna e interessante.

Os EUA, a União Européia e o Japão têm uma política de crescimento que parece implicar em mercados internos reservados aos seus produtores agrícolas. O discurso é o do livre comércio e a prática o do protecionismo. Na sua opinião, quais são as razões econômicas desses países defenderem seus agricultores?

"O que se faz é o inverso, você extrai renda do setor agrícola para financiar os setores urbanos. Que é o que nós estamos fazendo e fizemos especialmente depois dos anos 30."

FCP — Isso é verdade e é muito importante. Eles são altamente protecionistas com seus agricultores. Os EUA hoje falam muito em competição e não-proteção, mas foram os campeões em proteção durante o período em que investiram muito na agricultura até que ela ganhasse a vantagem competitiva que têm hoje. Agora evidentemente estão posando de defensores do livre-comércio etc. O problema é que esses países podem se dar ao luxo de gastar recursos importantes na manutenção da renda do setor agrícola maior do que seria sem subsídios. A Europa, no seu conjunto, deve ter 8 a 9 % de sua população ativa economicamente no campo. Isto só é possível graças a um tremendo subsídio que a comunidade dá aos agricultores porque senão o ponto de equilíbrio seria muito menor. E é fácil de ver isso: a Inglaterra só tem 2% da população no campo. Os Estados Unidos é menos ainda. Eles estão mantendo uma fração maior no campo do que a necessária. Mas eles podem fazer isso porque têm renda para isso. Provavelmente os estudos mostram que suas economias urbanas não absorveriam esse excedente populacional ou absorveriam a um custo mais alto do que manter aquele tipo de subsídio. A sociedade paga isto através do subsídio direto e dos preços mais altos dos alimentos que eles podiam ter mais barato. Então é um custo muito alto mas que tende a cair no futuro. Porque a sociedade sabe disso e vai pressionar. Mas por enquanto é difícil se quebrar isso. O Japão provavelmente é o campeão deles em termos de subsídio. Eles alegam que isso faz parte de uma política de segurança alimentar de manter uma produção agrícola mínima porque eles tem medo de depender de alimentos importados. O problema nosso, de país subdesenvolvido, é que nós não temos condições de fazer isso, não temos de onde tirar para fazer isso. Nas sociedades subdesenvolvidas, em geral a agricultura é um segmento muito importante da economia como um todo. O que se faz é o inverso, você extrai renda do setor agrícola para financiar os setores urbanos. Que é o que nós estamos fazendo e fizemos especialmente depois dos anos 30.

As pessoas têm sido manipuladas através da educação e da propaganda a olhar o produtor rural brasileiro como o caipira simplório ou o tubarão egoísta responsável pelas desgraças do mundo. O que fazer?

FCP — Essa pergunta é a mais dura. No programa de lideranças rurais do LIDERUSP, um grupo angustiado vivia sempre se perguntando o que fazer com relação a isso. Nós tivemos pelo menos seis décadas de extração de recursos da agricultura para financiar os meios urbanos e a industrialização. Para justificar essa extração criou-se esse conjunto de valores hostis à agricultura dos quais você deu alguns exemplos. No fundo são valores culturais perversos criados para extrair recursos financeiros através de taxações ou expropriações de renda. Ou para tirar recursos humanos do campo estimulando-o a deixar de ser caipira e vir trabalhar na cidade. Uma vez entendida a consistência dessa política de divisão criada pela nossa sociedade e seu claro objetivo, resta saber como reverter isso. Como trabalhar para reverter uma coisa que durou seis décadas e que moldou gerações? Primeiro, isso só vai acontecer se a sociedade entender que ela precisa de uma visão diferente de forma a permitir que a agricultura desempenhe o papel que precisa desempenhar. Ninguém vai fazer isso pelos belos olhos dos agricultores, isso não tem sentido. A sociedade vai fazer quando ela notar que ela está matando a galinha dos ovos de ouro. Na situação particular do Brasil, em que o PIB do agronegócio significa cerca de 40% da renda total do país, ela é a galinha dos ovos. Quando se fala de um agronegócio de 40% está-se falando de um setor agrícola que é só 10% mas que é fundamental nesse PIB total. Se você enfraquecer muito isso, esses 10% da renda nacional que é o PIB da agricultura, você vai enfraquecer os outros 30% necessariamente, porque você não terá mercado para os produtos dessa agroindústria e também não terá matéria-prima para essa agroindústria. Acima de tudo, esses 10% de PIB é o grande responsável pela qualidade de vida do resto da população urbana que precisa de alimentos baratos, de boa qualidade, de

fibras etc. A sociedade vai ter que entender isso. E necessariamente isso vai ocorrer por partes. Os empresários podem ver isso de uma forma mais fácil do que a população. Mas isto vai ter que ser visto.

Um estudante de uma escola de jornalismo que ainda está sendo formado por esta visão antiga vai ter de entender que, se trabalhar com ela, ele vai provocar um enfraquecimento de nossa economia, um aumento de miséria na nossa sociedade. E aí funciona uma certa característica da nossa universidade que é muito séria. Nós, professores titulares de hoje, somos parte de uma geração que cresceu nas décadas de 40, 50 e 60 quando o marxismo era visto como alternativa viável no mundo. Mas muitos de nós não conseguimos superar essa visão, esse viés marxista, que tinha seu valor naquela época, mas que hoje os fatos do mundo demonstraram que estão totalmente ultrapassados. É muito reacionarismo hoje ser da linha do PC do B e querer ditadura do proletariado, estatização ou planejamento central na economia. O Lula gosta de dizer que tal pessoa “é um dinossauro”. Eu diria que hoje esse reacionarismo é o maior dinossauro que existe na sociedade. Da mesma forma que nos meios acadêmicos, a igreja e os jornalistas que hoje são os editores também foram formadas nessa influência, de uma maneira muito forte. A superação disso é muito difícil. Se fosse ciência eu acho que era fácil: quando você tem uma atitude científica, os fatos te fazem mudar sua visão. Mas se você tem uma atitude doutrinária, religiosa, os fatos passam a ser pouco importantes. Se o mundo está te mostrando uma coisa que é contra a sua doutrina ou religião é o mundo que está errado. Quando você

“Você consegue embalar muita gente pregando elementos religiosos doutrinários por mais absurdos que sejam. Leva muitas pessoas a te dar suporte por muito tempo. O mercado é muito mais duro que isso.”

olha os fatos do mundo e se eles são contra sua visão de fé marxista, a sua tendência é dizer que o mundo está errado. Aí eles tentam mudar o mundo e não a opinião sobre o mundo. Eu não sei como vai ser nem quanto tempo vai demorar essa mudança, esse trabalho, com os formadores de opinião, os professores, jornalistas, igreja; se vamos ter que esperar novas gerações virem para ocorrer uma mudança. A minha esperança é que esse pessoal tenha mais aderência ao método científico. Que use mais ciência no sentido de checar suas proposições com os dados da realidade do mundo e mude eventualmente suas proposições se esses dados indicarem um outro sentido. Isto é muito difícil: a formação religiosa, ou religiosa-marxista das pessoas, se você quiser, faz isso muito difícil.

Mesmo na empresa, as vezes o cara finca pé num sonho e faz a empresa falir porque acredita em algo que não existe mais, não é?

FCP — Claro. Mas o mercado tem uma coisa muito séria: ele é muito duro e não perdoa. O que não acontece aqui. Você pode ser um idealista e um sonhador e ter uma grande audiência jornalística falando bobagens, sonhos. Você consegue embalar muita gente pregando elementos religiosos doutrinários, por mais absurdos que sejam. Leva muitas pessoas a te dar suporte por muito tempo. O mercado é muito mais duro que isso. Nas empresas isso acontece muito menos porque se você começa a pensar bobagem num instante você está fora. Enquanto isso, muita gente continua comprando livros marxistas a rodo embalados por um sonho e sem muita perspectiva de sofrerem penalidade.

O que colocar no lugar da utopia então? Ou você acha que não tem que ter utopia?

FCP — Eu acho que existem valores humanos definidos em qualquer linha de pensamento: uma certa aversão ou ojeriza à pobreza, uma atitude de visão do mundo de que você ou seus

descendentes só vão conseguir os benefícios da sua acumulação se você tiver um mínimo de distribuição disso para todas as pessoas do mundo. Toda ou quase toda a sociedade vai ter de se desenvolver ou então o mundo vai se inviabilizar por problemas de segurança, de depressão de recursos ou ambientais etc. De algum jeito esses valores são simplesmente produtos de racionalismo. Lógico que tem gente que pensa isso por razões ideológicas e cristãs. Se a pessoa acha que tem que amar o próximo por uma razão de fé, acho muito razoável. Mas isso não é necessário. Você, com pura racionalidade, você tem que chegar à mesma conclusão. Hoje, não dá para você não ter uma perspectiva social importante qualquer que seja a área de seu trabalho.

Os americanos dizem que o modelo de proteção social dos europeus gera desemprego. Os europeus defendem seu modelo da rede de proteção social dizendo que os americanos não contam como desempregados os mais de 1 milhão de pessoas presas nas penitenciárias americanas. Os dois defendem seus agricultores. Na sua opinião, qual que é o melhor modelo para o Brasil?

FCP — Eu acho que existem duas experiências importantes no mundo de hoje: a americana e a inglesa. São os dois países de mais baixo nível de desemprego. São dois países que tiraram essa ilusão de que proteção do Estado ajuda ou resolve. Eles estão conseguindo muito mais baixo desemprego exatamente tirando esse papel protetor que funciona contra o próprio protegido. E países com problemas sérios de desemprego são os que mais dizem que protegem. Você protege mas o custo é diluído na sociedade como um todo e provavelmente a qualidade de vida medida como consumo provavelmente é mais baixo. O grau de segurança do trabalhador inglês ou americano provavelmente é mais baixo do que os outros países da Europa Ocidental. Mas nos Estados Unidos e na Inglaterra você

sabe que se você perder o emprego você acha outro. Pode ser que com um salário mais baixo mas acha outro. Os Estados Unidos estão importando gente do mundo inteiro. Será que essa posição de ordem filosófica, será que essa dureza do mercado de estar ameaçando o indivíduo de perder o emprego se ele não tiver uma performance muito boa, será que isso é ruim? Ou será que isso não está mais próximo da estrutura biológica da humanidade? Será que o mundo não é assim? Você pode tentar querer criar estruturas para reduzir isso, muito bom, ótimo....mas à custa de que?

Será que isso não faz parte da vida, em outras palavras? No entanto, a Dinamarca, a Suécia, a Europa Ocidental como um todo, têm essa estrutura em alto grau. O cara sabe que tem uma rede que o protege no caso de ficar doente ou desempregado. Enquanto, nos Estados Unidos, o cara tem que lutar e batalhar e se não tiver sucesso no mundo às vezes ele acaba pirando e matando. Não estou falando que ele não tenha que ter o livre arbítrio. A causa da violência não é o sistema social, é ele, a pessoa. Mas essa competitividade imensa em que ele está imerso não pode ser consideradas uma causa predisponente da violência? Então comparando os dois modelos, o da Dinamarca ou Suécia com o dos Estados Unidos e Inglaterra, os dois modelos têm qualidade de vida mas também têm uma malha estrutural capitalista diferente. Qual a gente escolhe?

FCP — Eu acho que algumas coisas são claras para nós. Quando você pergunta do Brasil, certamente à malha do estilo da Suécia, da Dinamarca nós não temos acesso; mesmo porque eles só puderam fazer isso depois de serem

“...Eu acho que existem duas experiências importantes no mundo de hoje: a americana e a inglesa. São os dois países de mais baixo nível de desemprego. São dois países que tiraram essa ilusão de que proteção do Estado ajuda ou resolve.”

ricos. Qual o maior indutor de riquezas? O grande indutor de riquezas é o outro lado, o lado que você está chamando de americano. Talvez eu pudesse dizer que esse é um custo da criação de riquezas. A competitividade, essa característica do capitalismo, tem um custo no sentido de que ela traz aumento da insegurança das pessoas. Mas ela é muito mais eficiente para gerar riquezas. E uma das coisas de que precisamos no nosso país é gerar riquezas. Não é só um problema só de distribuição. Nós somos um país relativamente pobre. Não estou negando de maneira nenhuma o problema de distribuição de renda. Mas nós precisamos desesperadamente gerar riquezas. E nesse sentido o sistema muito protetor, sueco ou dinamarquês, é muito ineficiente na geração de riquezas. Um dia você pode chegar lá. Mas agora eu duvido que ele fosse razoável aqui no Brasil.

O governo federal dá terras a ex-agricultores e ex-operários. Eles dizem que terra só para morar e fazer agricultura de subsistência não basta. Querem crédito, tratores, tecnologia e insumos para se tornarem verdadeiros agricultores. Isto é, eles querem entrar em uma atividade da competição perfeita com recursos públicos. Como os agricultores já existentes, que também querem crédito, tratores e tecnologia etc, devem encarar os novos concorrentes? Os porta-vozes do MST dizem que o movimento agora vai invadir fazendas reconhecidas produtivas para punir os maus agricultores e o clima social no campo em algumas regiões brasileiras não é exatamente o melhor. Como lidar com os desempregados do sistema capitalista?

FCP — Eu acho que a sensibilidade do nosso governo para com o poder de pressão dos grupos mais organizados, como, por exemplo o MST, tem o beneplácito de toda a *intelligentsia* que nós falamos (na imprensa, nos jornais, na universidade). Esse grupo tem um tremendo poder de pressão e está ganhando os principais benefícios das



Piquete de capim elefante em sistema de pastoreio intensivo, no Departamento de Zootecnia da ESALQ-USP, em Piracicaba

políticas governamentais. Mas com uma implicação tremendamente séria: é que eles não têm capacidade empresarial para gerir essas propriedades. Os pequenos agricultores ainda com alguma capacidade gerencial, mas sem capacidade de fazer essa pressão política, saem diariamente no fluxo migratório campo-cidade. De maneira que o saldo provavelmente é negativo e o Brasil continua perdendo mais gente no campo do que esses assentamentos vão colocar. E é lógico que isso vai continuar acontecendo e no início nós falamos o porquê disso. Agora o que fazer com os desempregados; essa é a grande questão. Eu, particularmente, conheço a filosofia atrás do MST, o viés dos grupos que compõem ou que dão orientação, a elite do MST, e sei que esses caras não estão nem aí com o problema específico do assentamento rural. Eles estão pensando numa revolução social e acreditam que vão trazer o país para o socialismo, hoje. O que nós estamos fazendo, nós essa *intelligentsia* que eu disse, é ajudando o desenvolvimento desses caras. Eu particularmente acho que de um forma muito ineficiente para a sociedade. Porque, por menos importantes que eles sejam no sentido

de que não alteram tanto a produção, mas porque isso está determinando padrões que certamente vão extravasar o mundo rural. O movimento dos sem-teto está falando em invadir do mesmo jeito. Não há razão para não deixarem de invadir. Não há razão para os sem-comida deixarem de saquear os supermercados daqui a alguns dias. Mas essa certamente não é a fórmula de acharmos solução para os excluídos da nossa sociedade.

Existe essa fórmula, essa solução ?

FCP — Eu daria um cheque de uma vez. Em vez de dar a cesta básica, que tem sido fundamental para esse pessoal na minha opinião, eu acho que a melhor fórmula seria dar um cheque para eles. Para não criar neles a ilusão de que eles vão conseguir impor o socialismo no país. Acho que ninguém sério pensa mais nisso, exceto esses

“Investir nesse capital humano em vez de investir em toda essa estrutura de fazer assentamentos, estrutura que inclusive é altamente corrupta.”

coitados do MST. Para não deixar que eles fiquem na ilusão de servirem de massa de manobra para esse tipo de interesse político e atrasado dessas lideranças. Dá para eles um cheque e deixa que vivam e comam. Treiná-los. Você dá um cheque e um treinamento para eles. Pode ser até em agricultura. Investir nesse capital humano em vez de investir em toda essa estrutura de fazer assentamentos, estrutura que inclusive é altamente corrupta. Na hora de fazer desapropriações você está gastando fortunas, está gastando muito dinheiro que não precisava. E que não vai levar a nada. É preciso dar-lhes alguma coisa. Eles não podem morrer de fome. Tem de dar dinheiro ou, se for o caso, dar um pedaço de terra também. Terra tem demais no Brasil. Agora o que não se pode deixar é esse pessoal, com essa bandeira de combate à pobreza, desorganize todos os setores produtivos, como estão pretendendo desorganizar. Com esse objetivo dinossauro de implantar socialismo ou qualquer bobagem dessas que ninguém mais, com um mínimo de lucidez, tem. O objetivo é desorganizar a forma de produção de economia de mercado. E eles estão usando a pobreza para isso. •